



Os fetiches mágicos da prosperidade

José de Arimathéia Cordeiro Custódio

Os fetiches mágicos da prosperidade

Magical fetish about prosperity

José de Arimathéia Cordeiro Custódio *

Resumo: *Este estudo volta sua atenção para um conjunto sistematizado de signos arbitrados – um código – bastante específicos: os objetos de cena de programas de TV da Igreja Universal do Reino de Deus, tipicamente neopentecostal. São objetos aqui divididos em duas categorias – sagrados e profanos – e analisados conforme o sentido gerado. No primeiro caso, para revestir os programas com uma aura de sacralidade e espiritualidade, e até poderes mágicos. Os signos profanos simbolizam a prosperidade de quem aderiu à igreja. Foram observados nove programas transmitidos na madrugada, em canais diferentes, além de consultados sites da IURD, para informações complementares.*

Palavras-chave: *Signos; fetiches; neopentecostalismo; IURD.*

Abstract: *This study turns its attention to an arranged set of arbitrated signs – a code – quite specific: the typically neopentecostal stage objects used on Igreja Universal do Reino de Deus' TV programs. Such objects are divided in two categories – sacred and profane – and analyzed according its outcome meaning. Firstly, in order to give the aspect of sanctity and spirituality, even with magical powers. Profane' signs symbolize the prosperity of the ones whom embraced the church. Nine programs broadcasted at night were analyzed in different channels, besides the consultation of IURD's sites in the search for complementary information.*

Key-words: *Signs; fetishes; neopentecostalism; IURD.*

*Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professor universitário.

Introdução

São muitos os estudos acerca dos discursos das igrejas evangélicas, notadamente as neopentecostais. Os cultos, as sessões de exorcismo, os êxtases e curas, a gestualidade, a interpretação dos textos bíblicos e a midiaticização das igrejas têm sido objeto de análise, sobretudo, por pesquisadores da linguagem, da comunicação, da sociologia e da teologia.

Um dos principais alvos dos olhares acadêmicos tem sido as marcas da chamada “Teologia da Prosperidade” (daqui em diante, TP), fortemente presentes nas seitas neopentecostais. Contudo, tais estudos buscam tais marcas nas pregações dos pastores, nos textos dos jornais (impressos ou digitais) das igrejas, na sua rara literatura teológica, ou nos vários testemunhos diários de fiéis, dentro dos templos ou nos programas de rádio e TV.

Este trabalho, porém, dirige suas lentes para um conjunto sistematizado de signos arbitrados – portanto, um código – que atua de modo mais sutil e discreto, mas nem por isso menos eficiente na produção de um sentido específico: a prosperidade de quem adere à igreja. Trata-se de signos visuais, deliberadamente dispostos nos programas televisivos, para gerar o sentido de sucesso material, êxito profissional, intelectualidade e, via de conseqüência, qualidade de vida, o que na TP equivale à presença de Deus na vida, abençoando-a.

Assim, objetos concretos assumem e representam sentidos abstratos mais profundos. Revestidos de uma aura de sacralidade, são fetiches espiritualizados e a eles são atribuídas propriedades mágicas, mas de efeito direto sobre o mundo físico. Como a TP defende que o sucesso material está diretamente ligado à benção de Deus, é fácil elevar simples artefatos à condição de símbolos da salvação garantida, como uma espécie de tutela antecipada do direito – porque a salvação se transforma em abundância de saúde, dinheiro e outros valores totalmente mundanos.

Este artigo se baseia na observação dos programas de estúdio *Saindo do Vermelho*, *Sessão do Descarrego*, *Programa de Família*, *Casos Reais*, *Realidade Atual*, *Terapia do Amor*, *Casos Impossíveis*, *Em Busca do Amor* e *Falando de Vida*, transmitidos pela Igreja Universal do Reino de Deus (doravante, IURD) nas emissoras TV Gazeta, Rede Record e Rede Mulher. Fundamenta-se também em uma leitura dos sentidos gerados pelos objetos de cena – testemunhas silenciosas dos efeitos da conversão, ao lado dos fiéis que comparecem aos programas para narrar a sua própria mudança de vida.

Para o telespectador, as imagens dos objetos de cena, inteligentemente dispostos, reforçam o testemunho verbal e paraverbal (lágrimas não são incomuns) que aparece em primeiro plano. É disto que se ocupa este estudo.

Antes, porém, alguns conceitos são necessários, a fim de entender este raciocínio e descrever os mencionados fetiches.

Evangelização imagética

Não foi o neopentecostalismo quem inventou o emprego de imagens para transmitir ensinamentos religiosos. Esta pedagogia imagética tem berço católico e remonta a Idade Média, ao tempo em que os vitrais funcionavam como estratégia de catequização a uma população analfabeta, que ouvia a missa em latim e, portanto, não podia ler a Bíblia.

A Reforma Protestante, no século XVI, com a ajuda da máquina de imprimir, inventada meio século antes por Guttemberg, ajudou a tornar mais conhecido o texto bíblico, graças às traduções para as línguas nacionais. É tranquilo afirmar, portanto, que a valorização teológica da “palavra de Deus” (as Escrituras) trouxe equivalente valorização da capacidade de leitura e do texto escrito.

Os reformadores adotaram a palavra escrita como principal estratégia pedagógica e de evangelização, já que a palavra de Deus, escrita,

passou a ser vista como meio único de ter acesso à verdadeira fé, e assim, à salvação. É claro que, ao lado da palavra escrita, alguns países protestantes, como a Alemanha, também utilizaram largamente a música. Não é à toa que a Idade Moderna deu à Humanidade tantos gênios nesta área, seja na composição, seja no desenvolvimento de instrumentos musicais.

Mas, se a Reforma Protestante escolheu a palavra como principal veículo de evangelização, a Contra-Reforma – promovida pela Igreja Católica – insistiu na catequização pela imagem. E assim nasceu o Barroco. Numa tentativa de resgatar valores medievais e combater a nova mentalidade, mais humanista, a Igreja defendeu um movimento que propunha a recuperação do teocentrismo e da ideia de efemeridade da vida humana.

O Barroco – expressão desta proposta – também presenteou a Humanidade com obras geniais, em vários campos artísticos, como a música e a literatura. Mas, aqui, interessam as imagens, que além de seu valor artístico, tinham sua dimensão teológica e catequizante.

Rebuscamento, riqueza de detalhes (e de materiais), suntuosidade, temas sacros, exaltação do divino e diminuição do ser humano diante de Deus. Tais características podem ser facilmente observadas nas obras barrocas. O Brasil tem um rico conjunto de obras arquitetônicas e de artes plásticas, muitas reconhecidas como patrimônio da humanidade. Logo, um forte sentido foi gerado na religiosidade da população brasileira desde os primeiros séculos, presente até a atualidade. Mas, na atualidade, as coisas mudaram um pouco.

Pentecostais e neopentecostais

O crescimento dos meios de comunicação de massa abriu novas possibilidades para as igrejas. Quem logo soube aproveitar o fascínio sensorial provocado pela televisão foram as igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais e neopentecostais.

Neste momento, cabe estabelecer algumas distinções e expor uma classificação, novamente com apoio na história.

Faz-se uma distinção entre as inúmeras igrejas e seitas evangélicas, que têm se multiplicado rapidamente, sobretudo nas últimas décadas, nos centros urbanos. De um lado, existem as chamadas “igrejas históricas”, como a de Lutero e de Calvino, nascidas na Reforma do século XVI. Mas o que marcou a história das igrejas reformadas foi a constante cisão – ou “cissiparidade (múltiplas divisões)”, como escreveu Campos Jr. (1995, p.50). Da Anglicana, criada no século XVI, nasceu a Metodista, no século XVIII. No século XX, em todo o mundo, as divisões foram ocorrendo em maior quantidade e mais rapidamente, a ponto de as menores delas serem consideradas apenas seitas (separados).

O adjetivo “pentecostal” para tais igrejas e seitas vem de seu fundamento teológico, descrito no *Livro dos Atos dos Apóstolos*. Após a ascensão de Cristo, os apóstolos receberam a missão de “levar a palavra” a toda a terra. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, desceu sobre eles e lhes deu o dom de falar qualquer língua (um paralelo com a Torre de Babel do Antigo Testamento: lá, a desobediência e orgulho fizeram confundir as línguas; ali, a obediência e humildade redimiram o pecado anterior).

Alguns autores utilizam a denominação “neopentecostais” para uma dissidência das igrejas pentecostais. Enquanto estes são conhecidos pelos costumes mais rígidos (como os batistas), os neopentecostais são mais liberais neste ponto e adotam radicalmente a TP, além de explorar mais os meios de comunicação. Embora seja o irmão caçula da família evangélica, é o que tem crescido mais rapidamente no mundo.

Espiritualidade e prosperidade

A valorização da palavra escrita fez dos evangélicos, especialmente os pentecostais e neopentecostais, leitores literais da Bíblia. Além disso, a fixação dos cânones evangélicos trouxe outra substancial diferença em sua espiritualidade. Alguns dos livros do Antigo Testamento – como *Sirácida* e *Macabeus* – foram escritos fora de Israel, em grego. Como os judeus acreditavam que Deus só podia se revelar em hebraico, consideravam tais textos apócrifos.

O cânon evangélico rejeita os escritos em grego do Antigo Testamento, em uma das muitas semelhanças que têm com o Judaísmo. Mesmo pregando contra a idolatria (como no AT), as seitas evangélicas acabaram adotando imagens não-humanas do Antigo Testamento, como a estrela de Davi, a Arca da Aliança, o menorah (candelabro de sete velas), o Monte Sinai e o cajado de Moisés. Todas estas podem ser vistas nos cultos ou programas transmitidos pela TV.

Em outras palavras, tais igrejas adotaram fetiches em seu culto, especialmente vindos do Antigo Testamento, emprestando a vários destes objetos até mesmo propriedades mágicas.

Tudo é espiritualizado: as contradições sociais, as doenças, a degeneração de valores morais, todos os problemas do mundo, da insônia ao desemprego, são apresentados como obra de espíritos malignos, descritos mais como aqueles do espiritismo do que os evangélicos. Diz Campos Jr. (1995, p.104): “Para o pentecostal, ‘tudo depende da ação de Deus’. Dessa forma prioriza um discurso mágico-religioso em uma sociedade cuja racionalidade técnico-científica cresce a cada momento.” E mais: “[...] o pentecostalismo surge como uma religião que promete a resposta imediata para os sofrimentos do povo, mesmo que a nível espiritualista”. (CAMPOS JR., 1995, p.112).

Da mesma forma, para se opor à tradição católica medieval (num eco dos primeiros reformadores), os neopentecostais se apegam a

elementos do cristianismo primitivo (antes de se oficializar no Império Romano, no século IV). Assim, exortam as curas e milagres corriqueiros, como aconteciam nos primeiros grupos. Por isso se autodenominam “comunidades” e adotam o peixe como símbolo visual, ao invés da cruz. Às vezes, usam também a pomba ou uma chama, símbolos bíblicos visuais do Espírito Santo.

As religiões evangélicas são templárias, isto é, valorizam o culto nos templos. É muito semelhante ao que ocorria no tempo de Cristo. Era a oração, o louvor e o sacrifício no templo que tinha valor – e quanto maior o sacrifício, maior a recompensa de Deus. E a recompensa divina era, para o judeu, saúde perfeita, muitos filhos e muitos bens materiais. Ao mesmo tempo, vigorava na espiritualidade judaica do século I a ideia de pureza: o povo escolhido é santo e puro (tendo uma lista interminável de ações para se manter puro, da higiene aos hábitos alimentares); o resto do mundo é pagão, idólatra e impuro.

É fácil perceber que a TP atualiza a noção de bênção do antigo judeu. Também explica porque o protestantismo é, via de regra, predominante em países capitalistas, como escreveu Weber (2001). Campos Jr. (1995, p.19) também anota: “No entanto, a ideologia que marcou profundamente a sociedade americana foi a do ‘destino manifesto’, onde os povos escolhidos – os de língua inglesa – deveriam levar suas idéias a todas as nações.”

Deus ao vivo

No início, havia as trevas: “há de se considerar aqui que os pentecostais consideravam a televisão uma ‘coisa mundana e do diabo’”. (CAMPOS JR., 1995, p.43). Mas depois que a luz se fez, “a televisão, abominada por outros segmentos do pentecostalismo, tem

se revelado um importante meio de propagação de sua mensagem”. (CAMPOS JR., 1995, p.34).

Como os pentecostais pregam a ideia de “separação” do mundo (purismo), a TV era considerada um instrumento de sedução das coisas mundanas e, portanto, diabólica, contrária à salvação. Isso mudou, principalmente com a IURD, que apresentou na TV um projeto imediatista de transformação da vida (material) e assim conseguiu atrair um grande número de pessoas socialmente oprimidas aos seus templos. As doutrinas são muito semelhantes às pentecostais – o que muda é a forma de transmiti-la, com estratégias dos meios de comunicação de massa.

Os meios falam aos sentidos físicos, mas repercutem na dimensão psicológica da audiência. Imagens intensas, palavras chocantes, lágrimas e suspiros, acompanhadas de uma bem produzida trilha sonora, geram a empatia do telespectador frente ao testemunho narrado na TV. Há uma identificação com as dores e problemas do outro. Se o outro conseguiu, por que não? Já que a espiritualidade neopentecostal é, antes de tudo, uma promessa de salvação pelo esforço individual, ela se torna possível. Para Ferraro (2004, p.61), esta é a teologia neoprotestante, que prega a “possibilidade individual de vencer o pecado. Estamos frente à moral burguesa, fruto do espírito do capitalismo que se firmava historicamente e que privilegia o homem burguês como interlocutor principal”.

A TP nasceu norte-americana, na década de 30 do século XX, com a epifania de Kenneth Hagin. A mensagem é simples: Deus dá o que o fiel pedir com fé fervorosa, crendo nas suas palavras. Por isso, a fé é recompensada com abundância de saúde, dinheiro, sucesso empresarial, fama, qualquer coisa sobre a terra. Assim, diferente dos que pregam a negação do mundo, os neopentecostais que adotaram a TP desejam tudo de bom (sem excessos, claro) que a vida material pode oferecer, porque, se alcançado, é por graça divina e recompensa da fé. Além disso, o mal praticado é culpa do diabo.

Esta espiritualidade, evidentemente, encontrou eco nas massas oprimidas das periferias dos centros urbanos. Ela é sempre baseada numa interpretação subjetiva das escrituras bíblicas.

Fetiches sagrados e profanos

Optou-se por separar os fetiches neopentecostais, apenas didaticamente, em dois tipos: os profanos e os sagrados. Profanos são aqueles mais ligados ao aspecto “mundano” da vida humana: as boas roupas, formais; as jóias e acessórios usados pelos pastores e convidados; maquiagem e aparência de maneira geral; livros na estante e um aparelho de TV, fixado na parede. São considerados sagrados aqueles já citados neste artigo: o menorah, a Arca da Aliança, o cajado de Moisés, a estrela de Davi, além de outros, como o peixe, a pomba, o óleo santo para unção, a terra do Monte Sinai e a água do rio Jordão.

Antes de avançar, vale uma observação sobre a ideia de sagrado. Para os gregos, segundo Grün (2003, p.21), havia três conceitos: *hagnos* (objeto do temor religioso e veneração), *hagios* (santo) e *hieros* (objetos e lugares em contato com o poder numinoso). Os fetiches pertencem a este último tipo. Os pragmáticos e jurídicos romanos valorizavam os ritos bem executados, por isso tinham o *sanctus*, que vem do verbo *sancire* - delimitar ou destinar algo como sagrado, protegendo-o contra a violação. Assim, *profanus* é o que está diante do recinto consagrado (*pro* + *fanum*). Para o autor, muitos objetos acabaram revestidos de sacralidade, ainda que em âmbito mais privado, como um retrato antigo, um cachimbo, um lenço: “Peças que servem de lembrança passam a ser objetos sagrados, não só porque nos lembram as pessoas falecidas, mas também porque nos levam a um mundo diferente, ao mundo do divino, onde agora os falecidos se encontram.” (GRÜN, 2003, p.66).

Como funciona o poder mágico destes fetiches? Montero (1990, p.12) diz que, por definição, magia é “objeto de uma crença a priori, porque a crença é anterior ao resultado”. A fé, portanto, é o pressuposto da ação dos fetiches. E fé é a base da espiritualidade neopentecostal.

Citando Frazer, a autora observa que a magia não tem nada de místico, mas é pura racionalidade, pois funciona na lógica das “leis da simpatia”, ou seja, na relação de afinidade entre coisas e seres, que pode ser de dois tipos: similaridade (icônica) – o efeito se parece com a causa que o produziu, e contiguidade – coisas que estiveram em contato continuam unidas, mesmo à distância, e agindo uma sobre a outra. Pela lei da contiguidade, pode-se fazer a magia de contágio: o famoso exemplo do copo de água sobre o aparelho de rádio ou TV. Ou aquela em que o fiel escreve seus problemas num papel e o queima no templo. Existe ainda a lei da antipatia, segundo a qual “o contrário age sobre seu contrário”. É sempre uma relação símica.

Tais práticas encontram aceitação dos fiéis porque obedecem a um princípio lógico de causalidade mágica, em que “os acontecimentos do mundo visível dependem a todo momento das potências invisíveis” (MONTERO, 1990, p.37) – característica, segundo a autora, do pensamento humano primitivo. Todavia, o simbolismo não é prerrogativa exclusiva do homem primitivo, mas força completamente atual da mente humana: “é porque simboliza certos aspectos fundamentais da vida coletiva que a magia faz sentido”. (MONTERO, 1990, p.47).

A aparência das pessoas que aparecem nos programas observados segue uma etiqueta rigorosa e formal. As roupas são discretas e comportadas. Os pastores trajam camisa social de mangas compridas e gravatas, lisas ou com listras sóbrias, nunca com estampas floridas, esportivas ou infantis. Podem ou não vestir paletó. Quando o fazem, normalmente é de cor escura. Quando o assunto é descarrego, os pastores não vestem gravatas, mas estão completamente de branco. Os fiéis, homens, podem igualmente aparecer vestindo terno ou apenas

camisa social. As mulheres vão com “roupas de senhora”, isto é, demonstram bom gosto e um relativo recato.

Todos parecem bem asseados e cuidados. Os pastores, algumas vezes, parecem estar com os cabelos molhados ou com gel. Os demais participantes sempre estão bem penteados, bem barbeados, tudo limpo e simétrico. Os acessórios (anéis, relógios, brincos, pulseiras, colares, alianças) são discretos, mas deixam transparecer condições financeiras de aquisição. Os sapatos, quando aparecem, são sociais. Tudo indica que a conversão à IURD foi recompensada com a prosperidade material. O discurso verbal que acompanha é sempre o mesmo: depois de chegar ao fundo, a descoberta da igreja traz a salvação – e o sucesso material.

Os convidados se sentam normalmente em sofás ou poltronas, largas e confortáveis. A decoração dos cenários é simples, mas não espartana nem pobre. Pode haver uma mesinha de centro (com uma Bíblia aberta sobre ela), uma pintura na parede (abstrato colorido ou paisagem) ou plantas. Os pastores podem ficar atrás de uma mesa ou balcão, sentados numa cadeira, e atrás deles figura o nome do programa, na parede ou na tela de uma grande televisão de plasma, que também exhibe matérias, enquetes ou recriações de casos testemunhados, além de cenas dos cultos e cerimônias nos templos.

Algumas vezes os pastores podem se deslocar para mais próximo dos convidados ou ficar em pé, ao lado da TV. Seu cenário também pode parecer um escritório, com uma grande mesa de madeira, um *laptop*, uma estante atrás e um quadro, com fotografias de pessoas (família) ou uma imagem de Jerusalém ou do Monte Sinai, conforme o programa. Na estante, livros, estatuetas, e alguns objetos sagrados, dos quais se falará em seguida.

Entre os objetos sagrados que se vê em cena, estão a Bíblia (sempre aberta), uma miniatura da Arca da Aliança, um copo de água para a bênção (quase ao final do programa), um recipiente com óleo santo para unção e um vidrinho com água do rio Jordão, devidamente

etiquetada com uma fotografia de Israel. A água é para o banho do descarrego.

Vários destes fetiches são distribuídos nos templos com um propósito mágico – conseguir emprego, salvar o casamento etc., sempre obedecendo a uma lógica de analogia de base bíblica: assim como o cajado de Moisés abriu o Mar Vermelho, o pequeno cajado vai abrir o caminho para a prosperidade; assim como o óleo abençoou Aarão e o santificou, da mesma forma o fiel será santificado com o óleo da igreja; assim como Naamã se banhou no Jordão, por ordem de Eliseu, e se curou, assim...

A IURD promove, nos templos, sessões de descarregos, fogueiras santas, novenas e várias outras ações, todas elas com o emprego de fetiches. Infelizmente, nem todas são televisionadas, portanto não entraram neste estudo. Mas estão lá, como se pode confirmar pelos “flashes” exibidos nos programas televisivos e no *site* da IURD e da *Folha Universal* – veículo impresso e digital da igreja.

Grande parte destes fetiches tem origem nas narrativas do Antigo Testamento, base da religião judaica. Mas alguns se prendem ao Novo, como a novena da sagrada família e os exorcismos.

O programa *Saindo do Vermelho* tem uma vinheta que mostra notas de dólar formando os continentes do globo terrestre. No estúdio, o pastor fica atrás de uma mesa, com um *laptop*. Ao fundo, uma fotografia noturna de uma grande cidade. A TV de plasma está fixada na parede. Num dos programas, o apresentador chamou entrevistas de fiéis bem sucedidos feitas nos estacionamento dos templos, onde se podia ver carros caros e importados. Foram mostradas fotografias de grandes empresários, como Bill Gates, Walt Disney e Antônio Ermírio de Moraes. Em outro programa, foram mostradas simulações “baseadas em casos reais” e testemunhos. A solução apresentada foi o banho de descarrego com água do rio Jordão, embalada em um pequeno vidro.

No programa *Sessão de Descarrego*, o pastor – todo de branco – conversava com uma “ex-mãe de encosto”, que servia de testemunho.

O fundo de cenário é negro e só se vê um painel com o nome do programa. Uma grande e curva mesa de madeira compõe o cenário. Sobre ela, dois copos de água (para a bênção final, comum a todos os programas), um vidro de óleo para unção, uma Bíblia aberta e um vidrinho com a água do rio Jordão. Na leitura da Bíblia, a câmera faz um close nas mãos do pastor, e é possível ver sua aliança dourada – signo/fetichismo de seu casamento.

No *Programa de Família*, o pastor apresentador – vestido todo de branco – intercala rápidos comentários com uma sucessão de testemunhos de cura e êxito material, gravados num dos templos, durante uma sessão do banho de descarrego – que nem precisa ser feito pela própria pessoa com problemas, pois o princípio da contiguidade permite que um parente o faça.

Num dos programas, o pastor falou com telespectadores ao telefone e ouviu testemunhos no estúdio. Atrás dos convidados, que também vestiam peças brancas, além dos sofás brancos, havia um quadro com flores. Num outro, foi feita uma chamada para a novena da sagrada família, com consagração das vestes e corrente de mãos dadas.

Em *Casos Reais*, o pastor (de branco), em pé, dialogava com uma “ex-mãe de encosto”, sentada numa poltrona à frente de uma estante de madeira, com um globo terrestre ao fundo. Simulações e uma matéria sobre feitiços realizados na porta do cemitério foram exibidos e comentados: cadeado para “trancar” a vida de outra pessoa etc.. A crença na magia fetichista é enfatizada.

No programa, foi apresentada a “aliança da quebra da maldição” – um anel dourado que é quebrado em cerimônia no templo, para quebrar com ele tudo o que possa estar prejudicando ou “amarrando” os fiéis. Num outro, foram exibidos testemunhos no estúdio e por telefone. O pastor também chamou para o banho de descarrego.

No *Realidade Atual*, o pastor – também vestido de roupas brancas – mostrou simulações e convidou a todos para o banho do descarrego. A abertura do programa mostrou imagens jornalísticas:

guerras, desastres naturais e crimes. A TV de plasma sempre está ao fundo. O cenário é bem simples – iluminado, mas com paredes lisas.

Um outro programa foi dedicado ao “Grande Desafio da Cruz”, que consiste em “cobrar” de Jesus a abundância material, desafiando-o a isso. Do estúdio, o pastor mostrou matéria sobre como funciona: no templo, uma enorme cruz, vermelha e luminosa, é colocada perto do palco. Sob ela, um arco, igualmente vermelho e brilhante. Os fiéis, com fotografias, roupas, carteiras de trabalho e outros objetos da pessoa que quer ser beneficiada, passam em fila por baixo do arco. O pastor é auxiliado pelos “conselheiros do calvário”. Todos usam uma roupa parecida com a dos padres, quando celebram missas. A roupa é vermelha com uma cruz dourada que cobre toda a frente. No estúdio, a tela de TV mostrava imagens da crucificação do filme *Jesus de Nazaré*, enquanto o pastor fazia comentários.

Já o cenário de *Falando de Vida* é um pouco mais elaborado. Os pastores (dois) estão de gravata, e entre eles uma fiel para dar testemunho. Sobre uma grande e curva mesa de madeira, copos com água e a Bíblia junto ao apresentador principal. Ao fundo, uma estante com livros, estatueta e um bibelô dourado. Há madeira nas paredes e um nicho com flores. Também são mostradas simulações, testemunhos gravados e novamente é apresentada a aliança da quebra da maldição.

O programa *Casos Impossíveis* usou o mesmo cenário de *Saindo do Vermelho*, com uma única diferença: um vaso com rosas vermelhas, para ilustrar a explicação da “ex-bruxa”, presente no programa (e vestida toda de branco), sobre os feitiços que podem ser feitos com a flor. O pastor, todo de branco, também chamou para o banho de descarrego e mostrou um vidro com água do Jordão.

Entre um programa e outro, às vezes são mostradas matérias, que anunciam as cerimônias do templo. Duas delas foram altamente fetichistas. A “sessão especial de limpeza espiritual no Vale do Sal” tem os mesmos objetivos de todas as outras – afastar as dificuldades materiais. Nela, os fiéis – sempre no templo – caminham sobre o chão coberto de sal, num corredor ladeado por pastores e auxiliares que

fazem imposição das mãos. Outro fetiche vem do *Livro da Quebra das Maldições*, ou seja, mais um instrumento mágico, como a aliança, de mesmo nome. No livro, os fiéis inscrevem suas dificuldades. Segundo o pastor, “o livro é lançado num rio para as maldições afundarem e não voltarem nunca mais”.

Finalmente, dois programas muito similares, com propósitos idênticos: resolver os problemas de natureza sentimental: *Em Busca do Amor* e *Terapia do Amor*. Os dois intercalam a palavra do pastor com testemunhos e *videoclips* de música romântica. No *Terapia do Amor*, o apresentador explicou que a solução para os problemas amorosos está no “caminho das rosas” (ou “caminho do amor”). No templo, os casais passam sob uma sequência de arcos vermelhos em formato de coração, com o chão coberto de pétalas de rosa, ao mesmo tempo em que o pastor faz imposição de mãos sobre a cabeça dos fiéis.

Uma última nota: em nenhum programa assistido, em momento algum, foi feita qualquer referência à alma (a ser salva), à vida eterna, à redenção. A dimensão material não é apenas a tônica; é o único interesse dos programas – à exceção, é claro, de atrair fiéis para os cultos.

Considerações finais

Em tempos de comunicação de massa, a TV serve para veicular todo tipo de mensagem, inclusive as religiosas. Uma igreja como a IURD, com suas características neopentecostais, encontrou na televisão um poderoso instrumento para atrair os fiéis aos seus templos. Os programas não têm o propósito de provocar transformações imediatas nem êxtases nos telespectadores, mas sim seduzi-los com a promessa de rápida libertação das dificuldades materiais através da presença no templo e da adesão à sua doutrina, cheia de ações mágicas

e do uso de fetiches. Aos já convertidos, os programas reforçam a fé. Os não convertidos são sempre considerados perdidos. Não é à toa que um dos quadros de alguns programas é o “Eu encontrei a luz”.

Graças a uma bem elaborada lógica argumentativa, os fetiches de prosperidade são legitimados pela igreja, apesar das proibições bíblicas para as adivinhações, magia e uso da sorte – que se aplicam apenas para os outros. Fora dali, é diabólico. Dentro da IURD, é bênção de Deus.

A única preocupação, conforme a Teoria da Prosperidade, é garantir o sucesso material, incluindo aí a saúde corporal e a estabilidade familiar. Mas, afinal, quem está preocupado na salvação da alma?

Referências

CAMPOS JR., Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

FERRARO, Pe. Benedito. **Cristologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRÜN, Anselmo. **A proteção do sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **IURD**. Disponível em: < www.igrejauniversal.org.br >. Acesso em: 20 fev. 2006.

_____. **Arca universal**. Disponível em: < www.arcauniversal.com.br >. Acesso em: 20 fev. 2006.

_____. **Folha Arca universal**. Disponível em: < www.folha.arcauniversal.com.br >. Acesso em: 20 fev. 2006.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. São Paulo: Ática, 1990.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.